



LABORATÓRIOS DE MEDIA
**Aprender comunicação
com as 'mãos na massa'**

pág. 4 e 5

k

Akadémicos

Suplemento integrante da edição nº 4493 de 27 de abril de 2023 do semanário REGIÃO DE LEIRIA. Não pode ser vendido separadamente.

100

REGIÃO
DE LEIRIA

POLITÉCNICO
DE LEIRIA

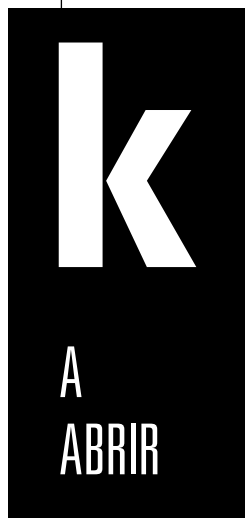
ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS



Luís Afonso
Cartoonista

Acho que a linguagem do *cartoon* se adapta ao mundo digital

págs. 6 e 7



100 edições dão para muitas conversas. Convidados a estarem *Sentados no Mocho*, 19 jornalistas e profissionais dos media partilharam a sua visão do mundo e da profissão com o *Akadémicos*. Em jeito de comemoração, recuperamos essas entrevistas. Agradecemos a todos os que nos confiaram as suas palavras. Parabéns aos estudantes que foram participando nas edições e que são a razão de ser deste projeto. Parabéns, *Akadémicos*.

akademicos.ipleiria.pt

O jornalista tem de ter alma

Artur Agostinho

Hoje gosto muito de ser jornalista, mas foi uma coisa que me aconteceu e fui aprendendo a gostar

Rodrigo Guedes de Carvalho

Tenho uma profissão por prazer

Mário Augusto

Enquanto jornalistas temos sempre coração

Adelino Gomes

O jornalismo é a arte de se saber contar uma história

Miguel Sousa Tavares

O rigor é uma coisa essencial no jornalismo

José Carlos Abrantes

O jornalismo tem a função de fazer perguntas, de continuar a alertar e a inquietar as pessoas sobre o que não funciona na sociedade

Inês Pedrosa

Descubram mais na plataforma *Sentados no Mocho*



29 de abril, Teatro José Lúcio da Silva

Metadança – Festival de Artes Performativas

Para celebrar os 11 anos do Metadança Festival de Artes Performativas, o Teatro José Lúcio da Silva recebe um espetáculo de dança contemporânea, no próximo sábado, às 21h30. O evento destina-se a maiores



de 6 anos. Bilhetes à venda no site do Teatro.

29 de abril a 28 de maio, junto ao Estádio Municipal

Feira de Leiria

A feira anual de Leiria está de volta. De 29 de abril a 28 de maio, junto ao Estádio Dr. Magalhães Pessoa, a Feira irá contar com muitas diversões, para além dos habituais espaços de restauração, artesanato e outros serviços. Estão ainda previstos espetáculos gratuitos de vários artistas, como Calema (29 de abril), Bárbara Tinoco (6 de maio) ou Wet Bed Gang (19 de maio). Todas as informações em <https://www.feiradeleiria.pt>.



4 a 7 de maio, Óbidos

Óbidos Vila Gaming

Entre os dias 4 e 7 de maio, Óbidos transforma-se na primeira Vila Gaming do mundo. *Retro arcade, virtual reality e workshops* serão algumas das atividades a experienciar. A organização anuncia a presença de figuras de destaque da área digital, como Ric Fazeres, Movemind e Pedro Tim. O evento, apoiado pela Câmara Municipal de Óbidos, promete surpreender todos os amantes de videojogos, *eSports* e cultura *pop*.



6 de maio, Leiria

8.ª edição do Leiria RUN

Para os amantes de desporto, o município de Leiria prepara a 8.ª edição do Leiria RUN.

A decorrer no dia 6 de maio, a prova noturna inclui uma corrida ao longo de 13 quilómetros ou uma caminhada de 9 quilómetros, por locais emblemáticos da cidade. Todas as informações podem ser consultadas nas redes sociais da iniciativa.



12 e 13 de maio, Leiria

XIII Collipo

Maio é o mês do XIII Collipo, festival de Tunas organizado pela Trovantina. O evento começa, no dia 12, com Serenatas à Cidade (acesso livre), no Jardim Luís de Camões, prosseguindo no dia seguinte com o espetáculo no Teatro José Lúcio da Silva. As atividades, em ambos os dias, começam pelas 21h30. As receitas do Festival revertem a favor da SAMP - Sociedade Artística Musical de Pousos.



17 de maio, Teatro José Lúcio da Silva

Beatriz Gosta - Resort

Beatriz Gosta regressa ao *stand-up comedy* com o seu segundo espetáculo "Resort".

Neste *special* de comédia, a humorista aborda os temas que marcaram a sua vida nos últimos dois anos, como a maternidade, a pandemia, as redes sociais ou a saúde mental. O espetáculo está marcado para o dia 17 de maio, pelas 21h30, no auditório principal da cidade. Os bilhetes custam 15€, para maiores de 16 anos de idade.

Até 16 de julho, Centro Histórico

Rota D'O Crime do Padre Amaro

A *Rota D'O Crime do Padre Amaro* consiste num circuito gratuito pelos locais que serviram de cenário à obra literária do autor português, no que promete ser "uma viagem no tempo" à era queirosiana. A visita guiada é feita por atores vestidos à época, que inclui seis pontos de paragem no centro histórico da cidade, com partida na Praça Rodrigues Lobo. A visita tem a duração de 1h30, e as inscrições são obrigatórias. Tudo em <https://www.visiteleiria.pt>.



100 edições. Sempre ligados.

Diretor
Francisco Rebelo dos Santos
francisco.santos@regiadeleiria.pt

Coordenadores Pedagógicos
Catarina Menezes
catarina.menezes@ipleiria.pt

Paulo Agostinho
paulo.agostinho@ipleiria.pt

Marco Gomes
marco.gomes@ipleiria.pt

Luís Pato
luis.pato@ipleiria.pt

Apoio à Edição
Alexandre Soares
alexandre.soares@ipleiria.pt

Marta Oliveira
marta.s.oliveira@ipleiria.pt

Projeto Gráfico
Leonel Brites
leonel.brites@ipleiria.pt

Maquetização
Leonel Brites

Redação e colaboradores
Afonso Vidigal, Alexandra Rodrigues, Alisson Cumbe, Ana Beatriz Antunes, Ana Ferreira, Ana Patrícia Sousa, Bárbara Oliveira, Beatriz Conceição, Bianca Serrano, Carina Silva, Carina Subtil, Carolina Rodrigues, Catarina Rodrigues, Constança Vieira, Daniela Oliveira, Dara Rodrigues, Dayane Martins, Ely Costa, Emanuel Nunes, Gabriela Montalvo, Helena Sá, Índia Ferro, Jéssica Lourenço, Joana Freitas, Joana Rosa, Larissa Waite, Lia

Domingues, Luana Ungureanu, Luther Gonçalves, Manuel Franganillo, Marco Pavão, Maria Coutinho, Maria Inês Lopes, Maria Sverdyda, Mariana Bagulho, Mariana Vilalba, Mariana Gonçalves, Pablo Peces, Paula Benavides, Pedro Batista, Sarahí Cárdenas, Solange Silva.

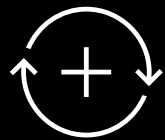
Presidente do Politécnico de Leiria
Carlos Rabadão
presidencia@ipleiria.pt

Diretor da ESECS
Pedro Morouço
esecs@ipleiria.pt

Coordenadora do Curso de Comunicação e Media
Inês Conde
ines.conde@ipleiria.pt

Os textos e opiniões publicados não vinculam quaisquer órgãos do Politécnico de Leiria e/ou da ESECS e são da responsabilidade exclusiva da equipa do *Akadémicos*.

akademicos.esecs@ipleiria.pt



ESTÁ
-a-
DAR

Parlamento Jovem reúne sessão distrital em Leiria

Texto Paula Benavides, Sarahí Cárdenas e Afonso Vidigal

“Saúde Mental nos Jovens - Que Desafios? Que Respostas?” foi o tema da edição de 2022/2023 do Parlamento dos Jovens – Ensino Secundário, uma iniciativa da Assembleia da República, no contexto da promoção da participação cívica e democrática dos jovens. A sessão distrital de Leiria teve lugar a 21 de março no auditório 2 da Escola Superior de Educação e

Ciências Sociais (ESECS) do Politécnico de Leiria.

Marcaram presença 28 escolas do distrito e um total de 90 deputados jovens, numa sessão que abriu com a intervenção de António Lacerda Sales, deputado da Assembleia da República, contextualizando o tema “Saúde Mental” e explicando que o acesso dos jovens aos serviços de saúde mental se tornou uma necessidade. Anabela Graça, representante da Câmara Municipal de Leiria, Pedro Morouço, diretor da ESECS, Catarina Durão, diretora regional do Centro do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), e Graça Mota, coordenadora do Parlamento da Juventude, estiveram também no evento.

Energia tunante chega às Caldas da Rainha

Texto Ana Patrícia Sousa, Carolina Rodrigues e Maria Coutinho

Nos dias 17 e 18 de março, cumpriu-se o antigo sonho da TomaLáTuna – Tuna Mista da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR): ter o seu próprio festival de tunas. O I Águas de D. Leonor – Festival de Tunas Mistas trouxe à cidade tunas de vários pontos do país.

Estiveram presentes no evento a TAOD – Tuna Académica de Oliveira do Douro, a Tum’Acanénica – Tuna Mista da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, a Tunística – Tuna Mista da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril e a VitisTuna – Tuna Mista da Escola Superior Agrária de Coimbra.

À semelhança de outros festivais tunantes, este evento contou com dois momentos de espetáculo musical. Na sexta-feira, realizou-se a noite de serenatas, no Largo D. Manuel I, no sábado, foi vez de encher o Grande Auditório do Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha.

Mesmo sendo apenas a primeira edição, Bruno “Guardião” Marques, magíster da TomaLáTuna, assume que “as expectativas eram relativamente altas”. “Estávamos todos muito empenhados em levar este festival para a frente. Superou as nossas expectativas e foi um sonho que se tornou realidade”.

A Tum’Acanénica, tuna madrinha da TomaLáTuna, encontrava-se também expectante para o festival, dada a ligação entre ambas. Catarina “Escondidinha” Pereira, tuno da Tum’Acanénica, explica o sentimento: “É sempre um grande orgulho acompanhar o crescimento e a evolução da nossa tuna afilhada”.

Em sessão de perguntas dos jovens deputados, António Lacerda Sales abordou a importância atual da saúde mental, a evolução dos problemas psíquicos com a pandemia, a relação da saúde mental com o nível educacional, as suas expressões através da ansiedade e depressão e a necessidade de o Governo investir seriamente na prevenção. O deputado realçou ainda que o facto de os estudantes estarem reunidos para debater este assunto, que reflete as suas preocupações, faz deles “cidadãos mais empáticos” em relação às gerações futuras.

A apresentação e discussão de projetos de cada escola deu origem à votação para escolha do melhor projeto de recomendação a ser implementado como base para a sessão nacional, em maio. A vencedora foi a Escola Secundária José Loureiro Botas, de Vieira de Leiria, com 15 votos a favor.

Para a fase nacional, foram escolhidas como representantes do círculo eleitoral de Leiria a Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro e a Escola Secundária Raul Proença, ambas das Caldas da Rainha, e a Escola Secundária Henrique Sommer, da Maceira. Ricardo Farto, deputado eleito para a função de porta-voz na sessão nacional, realçou a responsabilidade de ter sido escolhido: “Sei que temos muita responsabilidade pela frente, pois seremos representantes do círculo eleitoral de Leiria, mas estou muito feliz por ter uma participação ativa na democracia”.

As sessões do Parlamento dos Jovens, além de permitirem a troca de ideias sobre temas sociais pertinentes, têm impactos reais. “A partir destes debates democráticos fazemos mudanças para o futuro”, afirma Graça Mota. Tomando como exemplo a redução do tempo de

A primeira edição deste festival tinha sido idealizada para 2020, mas a pandemia obrigou ao seu adiamento. Ainda assim, Catarina Pereira vê vantagens neste imprevisto: “Acabou por lhes dar mais tempo para poderem acertar alguns pormenores que pudessem estar em falta”.

Como é habitual nestes festivais, houve lugar à atribuição de prémios pela *performance* das tunas a concurso. A Tum’Acanénica recebeu as distinções de “Melhor Instrumental” e de “Melhor Estandarte”, a TAOD recebeu os prémios de “Melhor Serenata a D. Leonor”, “Tuna do Público” e “Tuna mais Tuna”, a VitisTuna foi premiada como “Melhor Tuna”, “Melhor Pandieira”, “Melhor Solista” e a Tunística com “Melhor Original”. **K**



aulas de 90 para 50 minutos, a coordenadora explica que a medida emanou do Parlamento dos Jovens: “Essa medida foi ao Parlamento, foi implementada e agora temos 50 minutos nas escolas. Foi daí que veio”.

O Parlamento dos Jovens é uma iniciativa dirigida aos alunos do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário, com o objetivo de promover a participação dos jovens no debate sobre várias questões sociais atuais. **K**

ESECS dá início a nova edição do (Con)Vencer

Texto Ana Ferreira, Bárbara Oliveira e Bianca Serrano

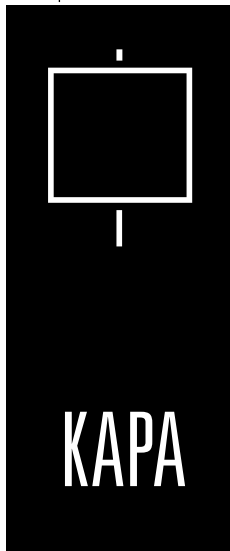
Começou em abril o concurso de debates (Con)Vencer. Trata-se de um evento que é promovido pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) desde 2021/2022.

A nova edição que, conta com a participação de oito equipas, tem o objetivo de “potenciar a capacidade argumentativa dos estudantes”, como explica Jorge Varela, subdiretor da ESECS. “Este ano, mais do que duplicámos o número de concorrentes”, revela o subdiretor, que afirma ter elevadas expectativas para esta segunda edição. As equipas vão defender posições a favor ou contra em relação a temas definidos em sorteio. Desde assuntos mais clássicos como a pena de morte, até outros igualmente fraturantes como a ideologia de género, proporciona-se uma discussão que, se por um lado é estimulante, por outro, requer um estudo apurado, elemento essencial ao bom desempenho de todos os participantes, na opinião do subdiretor da ESECS.

Na base deste confronto está a valorização da ideia da democracia como um regime que não é feito de “pensamentos únicos”, mas sim da “dialética resultante da discordância”, reforça o membro da direção, que assume a importância destas competências para os estudantes do ensino superior na construção de uma opinião própria ao invés da alienação “atrás do pensamento maioritário”.

A competição pode ser acompanhada por todos os interessados, tendo como palco o auditório 1 do Bloco A, na ESECS. **K**





ACADEMIA

De norte a sul, estudantes investem em projetos de comunicação

Jornais, rádios, *podcasts* e magazines académicos nasceram e mantêm-se há anos por todo o país, em várias instituições de ensino superior. Com origem na vontade dos estudantes em terem experiências próximas das que encontrarão no futuro profissional, os projetos académicos continuam a ser um espaço onde se desenvolvem muitas competências. Nesta edição n.º 100, o *Akadémicos* foi conhecer algumas iniciativas.

Texto **Helena Sá, Maria Inês Lopes e Pedro Batista**

A

academia é um lugar de ideias, mas também de muita concretização. Partindo de desafios e com recursos e apoio das instituições, os estudantes mobilizam-se para criar plataformas onde exploram diferentes formatos: texto, imagem e voz. Com diferentes modelos de funcionamento, o objetivo é treinar e desenvolver competências com impacto em várias áreas, mas particularmente relevantes para futuros profissionais de comunicação.

Uma viagem que começa no norte

Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, surgiu em 2013 o *Grande Ecrã*, um *podcast* feito por um grupo de estudantes do curso de Ciências da Comunicação, onde se faz a cobertura de várias cerimónias de entrega de prémios do mundo do cinema.

Aqui encontramos jovens à procura de melhorar: “Temos mais atenção à maneira como falamos e aos sons que se fazem ouvir nas gravações, como o som dos cotovelos”, afirma João Jesus, membro da equipa. Os processos envolvidos na construção do *podcast* são vistos como oportunidades para descobrir obstáculos e aprender a ultrapassá-los. Para Carolina Bastos, também membro do projeto *Grande Ecrã*, aprender a escrever para a rádio também é muito importante: “ajuda-nos imenso, muitos de nós queremos seguir rádio. É mesmo diferente quando lemos e quando falamos”, explica a estudante.

Além das competências técnicas, também são desenvolvidas outras capacidades importantes para o bom funcionamento do grupo, como a gestão do trabalho em equipa, um desafio sempre presente.

O *Grande Ecrã* existe há dez anos e devido à pandemia Covid-19 sofreu repercussões, o que se revelou um desafio para os estudantes, mas também uma oportunidade para atualizar os suportes. O programa está integrado no portal *Jornalismo Porto Net* (JPN). A editora do portal desafiou os estudantes a voltar com uma ‘nova cara’. O interesse dos universitários em manter este tipo de projetos ativo é notório. Mesmo com o surgimento de obstáculos que os obrigam a praticar novas habilidades, a experiência dos estudantes que passam pelo *Grande Ecrã* é positiva, visto que é outra ferramenta de aprendizagem para além das aulas.

Para Bruna Jardim, estagiária no JPN, o projeto constitui um meio importante para tratar assuntos que podem não ter lugar noutros espaços. A estudante explica que “os jornais universitários permitem uma abordagem mais jovem dos temas e isso é muito enriquecedor, uma vez que é visto de maneira diferente, por uma pessoa mais velha”. Para além desta mais-valia, Bruna Jardim explica que a sua experiência com o JPN lhe deu uma rotina e métodos de trabalho, de que também irá precisar no futuro.

Outro projeto que integra estudantes universitários da academia do Porto é o *Jornal Universitário do Porto* (JUP), criado pelo núcleo de jornalismo académico da cidade. Foi fundado em 1987, sendo um dos jornais universitários mais antigos do país. A sua génese foi motivada pela luta pela democracia e pela liberdade, para instalar uma voz ativa dos jovens na sociedade. O diretor do JUP, Tiago Oliveira, não teve dúvidas quanto ao motivo da sua participação no projeto: “Eu não entrei aqui no Jornal Universitário do Porto para ser diretor, eu entrei porque quero ser jornalista”, explica. É um jornal pré-organizado, mantendo-se com a mesma estrutura desde a sua fundação até aos dias de hoje. Tiago Oliveira aponta que, mesmo com uma boa organização, também encontram desafios ao longo do caminho. A prová-lo está uma nova adversi-

dade: a dificuldade em identificar as necessidades de consumo de informação por parte da sociedade atual. O diretor destaca também os benefícios de uma participação ativa no jornal. “Eu digo muitas vezes que eu não chegaria até aqui, nem estaria preparado para o mundo do trabalho, se não tivesse uma formação académica e uma formação complementar, que permitem sair da zona de conforto e entrar no mundo real”, relata Tiago Oliveira. Sendo um produto para o qual contribuem estudantes de várias áreas, o diretor considera que o relacionamento com outras pessoas de diversas licenciaturas e mestrados faz com que se complementem uns aos outros, tanto na forma de construção de textos como no exercício da sua atividade. “Os jornais académicos são de grande importância pois há um contacto com o mundo real que a universidade não nos dá”, conclui Tiago Oliveira.

A histórica RUC

No centro do país, em Coimbra, encontramos a *Rádio Universidade de Coimbra* (RUC), a única com sede no concelho. O projeto existe desde os anos 40, na altura em circuito interno, dentro das cantinas da universidade. Depois do 25 de Abril, constituiu-se o Centro Experimental de Rádio, uma secção da Associação Académica de Coimbra onde se formaram locutores e técnicos, e a partir do qual começaram as emissões regulares. “Deu-se uma onda de rádios-pirata nos anos 80 e então a *Rádio Universidade de Coimbra* correu para a legalização, o que aconteceu em 1986, que é quando celebramos o nosso nascimento. A data de fundação de 1 de março bate também com a data de nascimento da Universidade de Coimbra”, relata Gonçalo Pina, vice-presidente da RUC. Para este estudante, juntou-se o útil ao agradável. Já era fascinado por jornalismo e surgiu a oportunidade de fazer relatos para a RUC. Gonçalo Pina descreve-a como sendo “um projeto muito único, com uma noção abrangente de liberdade”.

Tal como muitos dos projetos académicos de natureza jornalística, a RUC também orienta as suas atividades para ir ao encontro da comunidade local, com emissão contínua durante todo o dia, quer *online*, quer na frequência 107.9 FM, para todo o concelho de Coimbra. No entanto, as 24 horas não são todas em direto, até porque, como indica Gonçalo Pina, “isso seria impossível”. “Todos os dias, das dez horas da manhã à uma hora da manhã, temos programas”, acrescenta.

Com uma aposta na diversidade dentro da programação, os estudantes alargam os horizontes de assuntos que vão para além da academia, de âmbito nacional, de que são exemplo as coberturas de eleições legislativas, autárquicas e presidenciais.

Lisboa também é casa de projetos académicos

Em Lisboa, nasceu na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica o jornal *Pontivírgula*, que tem cerca de 15 anos e é, atualmente, uma publicação académica independente. “Além de ser uma plataforma para mostrarmos as nossas capacidades, é também um sítio onde podemos aprender uns com os outros”, afirma José Grilo, coordenador do departamento criativo da publicação.

As aprendizagens contínuas e, sobretudo, a paixão pela escrita foram os motivos que levaram à participação no projeto. “Eu sempre gostei muito de escrever e queria ter alguma rotina para a minha escrita”, explica o estudante.

No que diz respeito às dificuldades encontradas, Rúben Sousa, coordenador da redação do *Pontivírgula*,

la, destaca a “revisão de todos os textos”. Apesar do investimento que implica, o jornal é um projeto que gera interesse entre os estudantes e os coordenadores ambicionam um futuro ainda mais positivo.

Ainda na capital, na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS), encontramos a revista *ESCS Magazine* e a rádio *ESCS FM*.

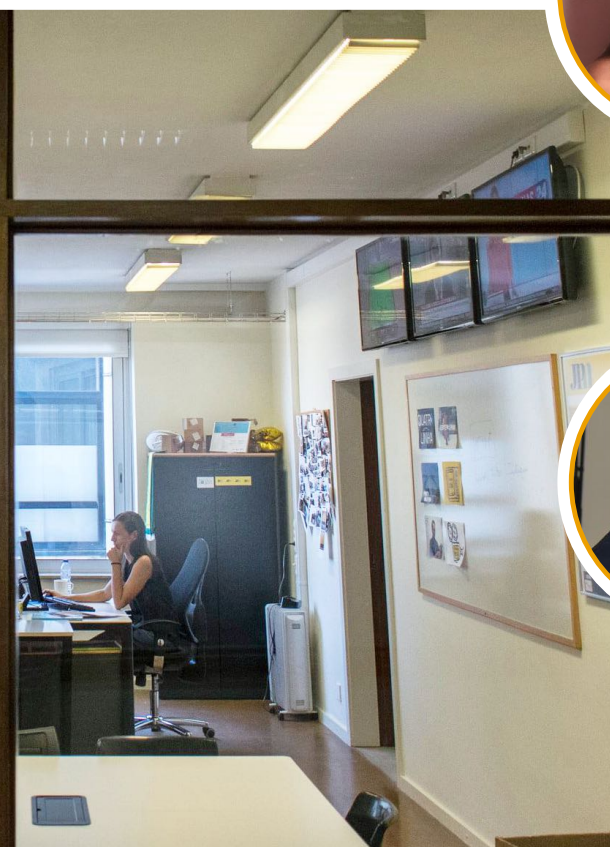
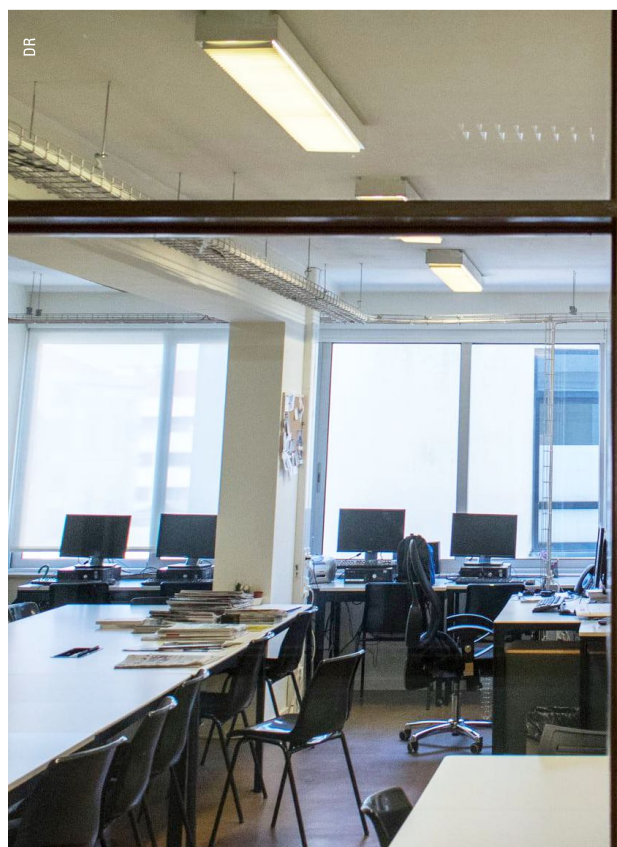
A equipa da *ESCS Magazine* é constituída por mais de 100 estudantes e é dividida em departamentos: redação, correção linguística, recursos humanos e comunicação. A diretora da revista, Inês Policarpo, que frequenta o 3.º ano da licenciatura em Jornalismo, assume que “é difícil estar numa posição onde temos de supervisionar tudo e todos”. A estudante acrescenta: “somos nós que temos de dar as últimas ordens e finalizar os últimos detalhes”. As portas estão sempre abertas para os estudantes que têm o ‘bichinho’ da escrita e comunicação e a vontade de abrir oportunidades é algo de que se “orgulham imenso”.

Também a *ESCS FM* “funciona a partir da motivação e do impulso dos alunos”. Quem o diz é Marta Engenheiro, estudante que participa na rádio como coordenadora de projeto. Para Marta, a *ESCS FM* é uma escola: “aprendes com os erros”. A

estudante acrescenta que o projeto lhe tem permitido construir currículo: “metade do meu CV é *ESCS FM*, o que ajuda, porque se queres entrar em rádio, ter currículo é muito importante”.

Jovens esforçam-se para assegurar futuro

O balanço dos jovens sobre este tipo de projetos é claramente positivo. Veem na sua participação um espaço de construção de rotinas e aprendem com as dificuldades. Também pelo jornal *Akadémicos* passaram praticamente 20 anos de estudantes. Ana Matos Neves, jornalista e antiga colaboradora do jornal, assume que a sua aposta em trabalhar neste projeto académico foi muito importante. “Aquilo que eu senti é que, quando cheguei ao estágio estava mais bem preparada, porque tinha a experiência do *Akadémicos*”, explica. E continua: “eu já tinha ‘bagagem’ para conseguir ser uma jornalista, pronta para trabalhar. Fez-me diferenciar e foi essencial para o meu percurso”. Aos atuais estudantes das áreas da comunicação, Ana Matos Neves deixa alguns conselhos: “obviamente que um curso superior é desenhado para toda a gente. Têm de fazer o máximo de atividades extracurriculares possíveis e apostar na formação”. **k**



O projeto numa palavra

Liberdade

Rúben Sousa
Pontivírgula



Desafio

Bruna Jardim
Jornalismo Porto Net (JPN)



Missão

Tiago Oliveira
Jornal Universitário do Porto (JUP)



Satisfação

José Grilo
Pontivírgula



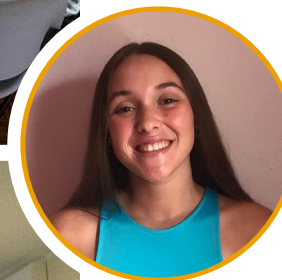
Desafiante

Carolina Bastos
Grande Ecrã | JPN



Enriquecedor

Inês Policarpo
ESCS Magazine



Crescimento

Marta Engenheiro
ESCS FM



Enriquecedor

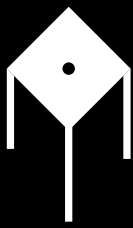
João Jesus
Grande Ecrã | JPN



Essencial

Ana Matos Neves
Antiga colaboradora
do Akadémicos





SENTADO
NO
MOCHO



Nos primeiros *cartoons* tinha um olhar mais ingénuo sobre o mundo



Luís Afonso

Cartoonista

Cartoonista há 29 anos, Luís Afonso, natural de Aljustrel, distrito de Beja, começou o seu percurso como professor de geografia e geógrafo, mas de desenho em desenho, foi dedicando a sua carreira aos *cartoons*, em que passou a trabalhar a tempo inteiro. Atualmente, faz *cartoons* para o *Público*, *A Bola*, *Jornal de Negócios* e para a *RTP/Antena 1*. Diz que não se satisfaz a realizar sempre as mesmas atividades, pelo que desenvolveu também o gosto pela escrita, tendo já publicado quatro livros de ficção.

Texto Ana Beatriz Antunes, Beatriz Conceição, Constança Vieira e Jéssica Lourenço

Como se descreveria?

Sou um bocado indescritível. Não me consigo descrever. Em termos de trabalho, sou um cartoonista um bocado estranho, não me sinto cartoonista no sentido normal. Uso mais as palavras, não sou tão gráfico quanto outros. Nesse aspeto sou diferente. Gosto muito de escrever. Por outro lado, também não me posso assumir como escritor apesar de ter quatro livros de ficção publicados, é mais um *hobby*. Ou seja, sou um cartoonista que pensa que é escritor, e sou um escritor que na verdade é cartoonista. Não me sinto satisfeito a fazer a mesma coisa.

Como começou a sua carreira como cartoonista? O que o inspirou a seguir essa profissão?

Fui professor de Geografia e trabalhei como geógrafo. Esta atividade aparece-me por acaso. Eu já desenhava quando era miúdo, mas fazia bandas desenhadas, eram coisas fracas, mas quando somos novos, pensamos que o que fazemos é uma coisa muito boa e quis publicar aquilo quando fui estudar para a Faculdade de Letras, em Lisboa. Um colega meu disse-me que havia um jornal que publicava bandas desenhadas, fui lá, falei, e eles publicaram. Comecei a fazer e a publicar todas as semanas um *cartoon*. Em 1993, fui convidado para o *Público*. A partir de 94/95, deixei de dar aulas e fiquei só a fazer *cartoons*. Também sou jornalista de carteira profissional.

Como é o seu processo na criação de um *cartoon*? Há um tema específico em mente, ou começa com uma ideia abstrata?

Os meus *cartoons* são baseados na atualidade, nos acontecimentos, ou seja, o processo criativo é desencadeado na minha cabeça a partir do momento em que recolho a informação. Tenho de andar a pesquisar o que se passa, também numa perspetiva jornalística, ou seja, tenho de ver os dois lados da questão. Cumpro o código deontológico, verifico se a informação é credível. A partir daí começa o processo criativo. Trabalhar naquela informação e construir qualquer crítica, observação, análise que pode ou não ter humor, pode ser feito para chocar as pessoas. As pessoas pensam que as coisas têm sempre de ter graça, mas se observarmos bem, o mundo não tem graça nenhuma. Na ficção é mais livre, não preciso de me basear na realidade e tenho uma liberdade criativa maior.

Qual é o maior desafio que encontra ao criar *cartoons* em Portugal?

Tentar acompanhar o que se passa, às vezes acontece tanta coisa que somos ultrapassados pela realidade. Depois há a realidade paralela construída nas redes sociais, criam-se factos. Eu não tenho redes sociais, mas às vezes vejo-me obrigado a comentar algo que é lá falado, e já vou apanhar isso em segunda mão. Todos os dias, há uma polémica terrível. É muito cansativo estarmos a acompanhar a realidade, é talvez o maior desafio para um cartoonista.

Existem temas que tenham sido complexos de abordar? Já se sentiu condicionado na sua representação?

Há muitos temas que são complexos, mas todos eles podem ser abordados e não há tabus nesse aspeto, mas há situações em que é preciso um trabalho muito redobrado. Não há nenhum condicionamento, tem é de haver bom senso. Eu imagino-me como um leitor ou um telespectador, não quero estar a ver uma coisa que eu tenha feito e que me envergonhe. Coisas sexistas e racistas nunca faço. Vou pelas ideias, pelo que as pessoas dizem. Se as pessoas são trans, lésbicas, gays, para mim é-me completamente indiferente. O que me interessa é o que fazem, não me condiciono por isso. Há temas que se falavam livremente e que agora são tabus. Há livros que estão a ser reescritos para não ofender pessoas, isso é uma estupidez! Temos de ser mais tolerantes, as pessoas podem dizer os maiores disparates, mas não as vamos matar por causa disso.

Qual a sua “imagem de marca”? O que o distingue dos outros cartoonistas?

O uso da fusão dos textos nos meus *cartoons*.

Como equilibra a necessidade de criar *cartoons* relevantes e atuais com a necessidade de manter um estilo e uma abordagem distintos que os leitores possam identificar como seus?

Ser coerente, ou seja, utilizar a abordagem com aqueles critérios todos de que falei há pouco e depois pôr a minha construção mental sobre aquilo, porque se eu mudar o método de dia para dia iria haver alguma incoerência no resultado final.

Trabalhou durante muito tempo com tiras de três vinhetas, ou três tempos, adaptando-se depois às quatro vinhetas, ou quatro tempos. Quais as principais diferenças na forma de construir a narrativa nestas duas lógicas?

São lógicas completamente diferentes, tem a ver com o ritmo. O quarto tempo permite introduzir a meio uma pausa. O *Bartoon* tem quatro tempos, no terceiro tempo introduz-se uma pausa, como se fosse um daqueles saltos de trampolim, há ali um sítio em que se faz a chamada para dar um impulso e esse terceiro tempo é muitas vezes utilizado para o final ter mais impacto.

Que cartoonistas e outros artistas mais influenciaram o seu trabalho?

Ao princípio eu comecei a trabalhar sem influências, porque fui apanhado de surpresa a fazer *cartoons*. Só tinha a referência da *Mafalda* e do *Peanuts*. A *Mafalda*



Se eu conseguir fazer com que as pessoas fiquem a pensar sobre o tema é uma conquista

Luís Afonso

toca em mais temas da atualidade, o *Peanuts* é mais uma questão de sociedade. As minhas tiras são uma espécie de híbrido, o formato é de *comic tricks*, mas a essência é de *cartoon* editorial, é sobre a atualidade. Tem a ver com a opinião, apesar de muitas vezes eu não a dar muito, coloco interrogações em vez de opiniões.

Além da folha do jornal e do ecrã da televisão, os seus cartoons também já estão no éter da rádio. Como surgiu este processo de adaptação e quais os principais desafios para fazer uma imagem funcionar em áudio?

Esse é o maior desafio de todos, porque eu escrevo texto e depois aquilo é interpretado por locutores da *Antena 1* e eu não estou com eles. Ainda por cima eles não gravam aquilo juntos, ou seja, as perguntas que depois são colocadas e aquele diálogo que é feito, é montado com gravações distintas. Qualquer elemento gráfico que eu ponha no *cartoon* e que seja necessário para a compreensão do mesmo não pode existir, porque em rádio não funciona. É um projeto diário que leva o dia inteiro. Eu escrevo o texto de manhã, as vozes são gravadas à hora de almoço, depois a animação não sou eu a fazer, porque é uma coisa complicadíssima, estamos a falar de 600 *frames*. Eu não trato nem das vozes nem da animação.

Como é que os cartoons podem influenciar a opinião pública e contribuir para mudanças na sociedade?

Tudo pode influenciar a opinião pública, mas também não vamos pensar que estou a fazer uma coisa importantíssima e que estou a mudar o mundo. Se tivermos essa ideia na cabeça é meio caminho andado para perder a humildade e a noção. Temos de ter consciência da nossa dimensão, mas se eu conseguir que as pessoas fiquem a pensar sobre o tema é uma conquista.

Como é que avalia o estado atual do cartoonismo em Portugal? Trata-se de uma forma de arte subestimada?

O estado dos *cartoons* em Portugal tem a ver com o estado do jornalismo em Portugal. Os *cartoons* vivem dos jornais e os jornais vivem num tempo de dificuldades e, portanto, os *cartoons* não poderiam fugir a isso. Os jornais também têm pouco espaço. Há jornais no mundo que têm mais do que um *cartoon*, em Portugal, a tradição foi sempre ter só um cartoonista, dois no máximo. No *Público*, por exemplo, estou lá eu e a Cristina Sampaio. Os jornais têm vindo a encolher. O jornalismo é vítima de duas crises, a económica e a da net, o facto de as pessoas não comprarem jornais.

Como é que vê o papel do cartoonismo num mundo cada vez mais digital e conectado? Que impacto pensa que a tecnologia tem na forma como as pessoas consomem e reconhecem o trabalho dos cartoonistas?

Acho que a linguagem do *cartoon* se adapta ao mundo digital. Eu, por exemplo, não uso papel há 23 anos. Desenho tudo diretamente no ecrã e não vejo problema. Até mesmo em termos de leitura, o *cartoon* não perde, aliás, até pode ganhar, tem mais espaço, não está limitado.

Como é que vê a evolução do seu trabalho ao longo dos anos? Sente que o seu estilo ou abordagem se alterou com o tempo, ou considera que houve sempre uniformidade?

Olhando para trás, quer em termos técnicos, quer de texto, eu acho que melhorou, ficou mais consistente. Nos primeiros *cartoons* tinha um olhar mais ingénuo sobre o mundo, que agora é um olhar, não diria pessimista, mas um olhar cético. Não vejo esperança no mundo.

No decorrer da sua carreira já recebeu alguns prémios. Se tivesse de destacar um, qual seria e porquê?

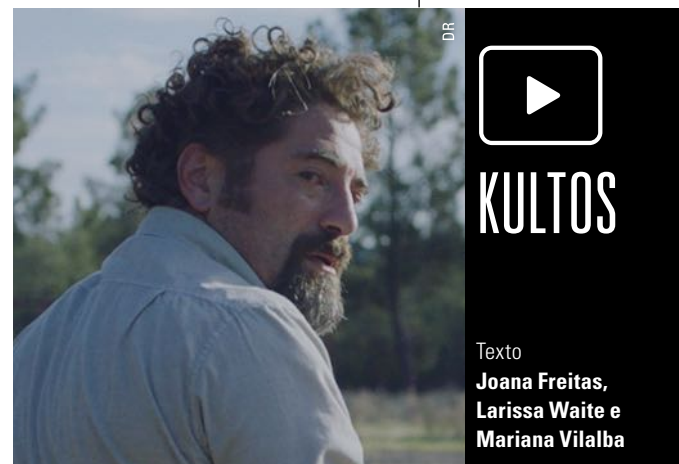
O prémio que me soube melhor foi o primeiro prémio a que eu não concorri. Sempre concorri a diversos concursos em que os cartoonistas mandam os seus *cartoons* para serem avaliados. Ganhei muitos desses, mas um dia recebo um telefonema de um clube de jornalistas que me dá o Prémio Gazeta de Mérito. Até foi o Presidente da República quem me entregou. Foi um prémio que me soube bem, porque não havia expectativa nenhuma de ganhar algo, e de repente somos surpreendidos.

Quais são os seus planos e projetos para o futuro?

Muito honestamente, fazer as coisas que tenho para amanhã. A falar a sério, quero fazer uma série de coisas, como livros de ficção. Dá-me prazer escrever ficção, mas no próximo ano não me vou meter nisso porque a escrita absorve muito.

Que conselho daria a jovens cartoonistas que estão a começar as suas carreiras?

O meu conselho é não começar... ou seja, teriam de fazer um sacrifício nos primeiros tempos, para terem uma atividade que lhes garantisse subsistência. Não se atirem de cabeça para os *cartoons*. Eu comecei assim, estava a fazer *cartoons* e era professor de geografia e conciliava as duas coisas. **k**



Texto
Joana Freitas,
Larissa Waite e
Mariana Vilalba

Restos do Vento O perigo da masculinidade tóxica

Restos do Vento é uma obra cinematográfica portuguesa, de género dramático, que teve a sua estreia na 75.ª edição do Festival de Cannes. Realizado pelo aclamado cineasta português Tiago Guedes, o filme decorre em torno dos habitantes de uma pequena vila do interior de Portugal, onde existe uma tradição pagã ritualística, feita no início da adolescência dos rapazes, que consiste em perseguir mulheres enquanto estão mascarados e com a liberdade de fazerem o que quiserem com elas, com ou sem o seu consentimento.

Logo no começo somos apresentados à personagem principal – Laureano – e conseguimos perceber que o seu pai não é muito apreciado pelos outros habitantes da vila. No início do ritual, Laureano mostra-se desconfortável perante as cenas violentas que presencia, por ser contra os atos, levando-o a obrigar todo o grupo a interromper o que estavam a fazer. Como consequência da sua decisão, acaba por ser espancado pelos outros jovens e posto à parte pelo grupo, uma discriminação que se prolonga no tempo e que o leva a viver isolado a vida adulta, apenas com uma matilha de cães vadios como companhia. O grupo volta a reunir-se 25 anos depois, num reencontro que abre a porta a um grande desastre que desestabiliza o sossego da vila.

O filme é o resultado de uma produção de elevada qualidade, e conta com a presença de excelentes atores (Albano Jerónimo, Nuno Lopes, Isabel Azeiteiro, Gonçalo Waddington, entre outros) e de um roteiro que “prende” o espectador desde o primeiro minuto. Gravado na aldeia de Meimão, em Penamacor, retrata o ambiente e as tradições de um país longe dos centros urbanos. Através da problemática abordada, consegue transmitir traços breves da cultura portuguesa para o mundo. A obra expõe de uma forma arrojada as consequências do ritual e da masculinidade tóxica na vida dos habitantes da aldeia.

A longa-metragem ganha nome através da referência às sequelas geradas pela tradição. Outro fator importante é o simbolismo do vento, que pode ser interpretado como a chegada da fase adulta para aqueles jovens, funcionando como metáfora para representar a imprevisibilidade e situações que nem sempre deixam antever os danos que podem causar, e sobre os quais não há controlo.

Além de promover uma reflexão sobre a maldade humana e os seus limites, a película mostra-nos um lado da injustiça e da vingança, colocando o espectador perante o dilema moral de ver que, por um lado, os “vilões” não sofrem as consequências dos seus atos e, por outro, os “inocentes” acabam por sofrer com o fardo das feridas causadas por outras pessoas. **k**



ÚLTIMAS

Texto
Manuel Franganillo,
Marco Pavão e
Pablo Peces

VEM APRENDER PYTHON

O Politécnico de Leiria e a RUN-EU, rede europeia de instituições do ensino superior focada no desenvolvimento regional, está a organizar cursos de curta duração (*Short Advanced Programmes*) em que os estudantes têm a oportunidade

de adquirir conhecimentos fora da sua área de formação no estrangeiro. Entre os dias 29 de maio e 21 de julho decorre o curso *Numerical Methods with Python Programming*, onde se abordam as bases da linguagem de programação Python e onde se promove o desenvolvimento de competências matemáticas. Entre os dias 17 e 21 de julho, o programa desenrola-se presencialmente na Technological University of the Shannon, em Limerick, na Irlanda. As inscrições estão abertas até amanhã, no *site* <http://run-eu.eu>.

JORNADAS DE LÍNGUAS E TURISMO

A primeira edição do Turling destina-se à partilha de estudos de caso, experiências e projetos pedagógicos concretizados no âmbito das línguas estrangeiras e turismo. O evento, que decorre na Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, em Peniche, no dia 12 de maio, terá dois painéis e sessões plenárias, divididos nos períodos da manhã e da tarde. O programa inclui a discussão de tópicos relacionados com a gestão de aulas de acordo com o nível de língua e com o desenvolvimento de competências interculturais em estudantes universitários de alemão. O evento é presencial e *online*, sendo obrigatória a inscrição a partir do *site*: <http://turling.ipleiria.pt>.

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

O Mestrado em Artes do Som e da Imagem da ESAD.CR, em conjunto com a Associação Cultural OSSO, promove a 2.ª edição das Residências Artísticas, a acontecer nas instalações da associação, na aldeia de S. Gregório, nas Caldas da Rainha. O programa é composto por três residências artísticas, uma dedicada à Fotografia, que teve lugar em abril, outra às Artes Sonoras, iniciada dia 25 e a decorrer até este sábado, e, por fim, sobre Cinema Documental. Esta última iniciativa acontece entre 2 e 6 de maio, com Leonor Noivo, especialista em Montagem e Realização, que desafia os participantes a construir objetos experimentais biográficos de curta duração.

Politécnico de Leiria participa nas comemorações do Dia da Europa

O Dia da Europa, celebrado a 9 de maio, é um evento organizado pela Comissão Europeia e que, este ano, pela primeira vez, tem lugar em Leiria. O Politécnico de Leiria é parceiro na criação do programa de atividades que decorre entre as 14 e as 19 horas no Largo de São Pedro e no Castelo de Leiria.

O desafio foi lançado ao Politécnico de Leiria com o objetivo de sensibilizar o público mais jovem para os desafios que, ainda hoje, a integração europeia coloca e para a necessidade de uma cidadania mais participativa. Graça Poças Santos, vice-presidente do Politécnico de Leiria, reconhece que esta colaboração com a Comissão Europeia é “uma grande oportunidade” de afirmação do Instituto como “instituição de ensino superior de qualidade capaz de responder às solicitações”.

O programa de atividades pretende realçar a importância dos valores da União Europeia e foi desenvolvido a



partir da articulação com as atividades curriculares e com o envolvimento da comunidade académica. “Aqui trabalhamos para a excelência e isso só é possível com a colaboração entre escolas, com os professores, competentes e empenhados, que aderiram logo a este convite, e com a ajuda preciosa dos nossos estudantes, que estão bastante motivados”, reforça a vice-presidente.

Para além da participação na organização do dia, entre as propostas desenvolvidas pelas várias escolas do Politécnico de Leiria destacam-se campanhas

de comunicação e de cobertura e produção jornalísticas, exposições, conversas, concurso de debates, oficinas criativas e aulas abertas, explorando temas relacionados com a União Europeia.

É a segunda vez que as comemorações do Dia da Europa são concretizadas fora de Lisboa. Para Graça Poças Santos, “a descentralização deste tipo de comemorações é extremamente importante para dar visibilidade às atividades que se podem desenvolver em outras partes do território nacional”. **k**

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Equipa de hóquei em patins sagra-se campeã nacional

Texto Alexandra Rodrigues e Lia Domingues

A equipa masculina de hóquei em patins do Politécnico de Leiria subiu ao lugar mais alto do pódio no Campeonato Nacional Universitário, evento organizado pela Federação Académica do Desporto Universitário (FADU), entre os dias 3 e 5 de abril, em Viana do Castelo.

Estiveram em competição seis equipas de várias instituições de ensino superior e o sorteio ditou que o Politécnico de Leiria defrontasse a Associação Académica da Universidade do Minho (AAUMinho) e a da Universidade Nova (NOVA), saindo vitorioso de ambos os jogos. Na final, derrotou por 5-1, numa vitória histó-

rica, sagrando-se pela primeira vez campeão nacional da modalidade.

A equipa mostra-se satisfeita pelo trabalho desenvolvido ao longo da época, que culminou no resultado obtido. “Tem sido uma temporada difícil e longa, mas com trabalho têm-se alcançado alguns objetivos. Não é propriamente fácil, mas também não é difícil se quisermos que ambas as partes resultem”, explica Francisco Beirante, um dos estudantes-atletas da equipa. Francisco Beirante considera que a sensação de ser campeão foi “ótima” e aponta o ingrediente que contribuiu para a conquista do título: “Tínhamos um espírito de equipa excelente e foi isso que nos fez sair de Viana do Castelo vitoriosos”.

A fechar o pódio, o coletivo da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico (AEIST) conseguiu a medalha de bronze.

Na competição participaram ainda as equipas da Associação Académica de Coimbra e da Associação Académica de Aveiro. **k**



PICKAMOVIEFORME

O *PickAMovieForMe*

é uma plataforma *online*, de acesso gratuito, ideal para os amantes de cinema indecisos na hora de escolher o que querem ver. Este *website* disponibiliza um breve questionário de seis perguntas sobre tópicos de interesse, géneros de preferência ou estados de espírito e, de acordo com as respostas do utilizador, são mostradas várias sugestões de filmes. Para além deste *quiz*, o *site* permite pesquisar por géneros cinematográficos e também dispõe de seleção por atores. Disponível em <https://pickamovieforme.com>.

SUPER SAVE

A aplicação *Super Save* funciona como comparador de preços de milhares de produtos entre os diferentes supermercados, de modo a ajudar o consumidor a tomar a melhor decisão para a sua carteira. Disponível gratuitamente na App Store, Google Play Store e no *site* <https://app.supersave.pt>.

Novo episódio todas as quintas-feiras.

contrakapa

Disponível em akademicos.ipleiria.pt/contrakapa.



A FECHAR

Texto
Dara Rodrigues
e Dayane Martins



ON LINE

Texto
Carina Silva,
Mariana Gonçalves
e Alisson Cumbre
—
Carina Subtil,
Daniela Oliveira
e Ely Costa